



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

JORGELENO GOMES DA LUZ

**DIAGNÓSTICO DO ENSINO DE ANÁLISE LINGUÍSTICA NO 9º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL NA ESCOLA MARIA PEREIRA DA SILVA EM ITAITUBA-PA**

ALTAMIRA - PA

2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**DIAGNÓSTICO DO ENSINO DE ANÁLISE LINGUÍSTICA NO 9º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL NA ESCOLA MARIA PEREIRA DA SILVA EM ITAITUBA-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal do Pará como requisito parcial para obtenção de grau em curso de licenciatura em educação do campo, sob a orientação do Prof Dr Marcelo Dias.

ALTAMIRA - PA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

L979d LUZ, Jorgeleno Gomes da.
DIAGNÓSTICO DO ENSINO DE ANÁLISE
LINGUÍSTICA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL
NA E. M. E. F. MARIA PEREIRA DA SILVA EM ITAITUBA-
PA / Jorgeleno Gomes da LUZ. — 2023.
35 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Marcelo Pires Dias
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal do Pará, , , Altamira, 2023.

1. Análise linguística. 2. Metodologias. 3. Gramática.
4. Ensino Democrático. 5. Língua Portuguesa. I. Título.

CDD 371.30981

**DIAGNÓSTICO DO ENSINO DE ANÁLISE LINGUÍSTICA NO 9º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL NA ESCOLA MARIA PEREIRA DA SILVA EM ITAITUBA-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal do
Pará como requisito parcial para obtenção de grau em curso de licenciatura
em educação do campo.

Orientador(a): Prof: Marcelo Dias.

Avaliado em: ___ / ___ / _____

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Orientador (a)

Examinador (a)

Examinador (a)

ALTAMIRA - PA

2022

Dedico este trabalho a todos os profissionais da educação, que lutam incansavelmente todos os dias para poderem construir junto aos estudantes melhores condições de vida para eles e para uma sociedade mais justa e igualitária.

AGRADECIMENTOS

Os nossos sonhos são do tamanho de nossas determinações, sempre fui uma pessoa determinada a conquistar o meu espaço no mundo. Hoje sou professor, sinto que estou no caminho certo e me sinto realizado em minha profissão. Vivo uma realização pessoal da qual não sonhei, mas que me foi dada. Agradeço a Deus, por ter me proporcionado e capacitado para assumir essa missão tão modesta e, ao mesmo tempo, tão fundamental. Eu não chegaria até aqui sem a benção dele e sei que Ele estará sempre me capacitando na construção de uma sociedade mais justa.

Agradeço muito a meus familiares que sempre me incentivaram a continuar investindo em meus estudos e nunca se negaram a me apoiar quando necessário. Agradeço aos meus pais Juvêncio Coelho da Luz e Senhorinha Gomes de Sousa, por nunca desistirem, por mesmo nas dificuldades de retirar um dinheiro que era essencial para o sustento de nossa família e investir em meus estudos desde o primário. Tudo o que sou hoje devo muito a vocês.

Não poderia deixar de mencionar a minha parceira de batalha, Maria Poliana da Silva Rocha da Luz, mesmo nas maiores dificuldades, mesmo quando eu pensava em desistir da área por dificuldades em assumir turmas, ela sempre me aconselhava a continuar, sempre me apoiava em meus estudos. Serei sempre eternamente grato por tudo o que ela fez e tem feito por nós.

Agradeço ao meu orientador Prof. Marcelo Dias por ter me ajudado e muito nessa etapa da minha graduação, sempre foi disposto e não mediu esforços para me orientar na construção dessa pesquisa.

Não poderia deixar de agradecer aos meus colegas, sempre buscamos nos apoiar nessa jornada, eles sempre estiveram dispostos a me ajudar quando eu precisava de ajuda, quando eu não entendia determinado assunto, nessa turma ganhei muito mais que colegas, ganhei irmãos que levarei por toda a vida. Agradeço a cada um deles por isso, sempre lembrarei de todos com um carinho enorme.

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. - Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho trata de uma análise das metodologias utilizadas no ensino de análise linguística, comumente chamado de ensino de gramática, no 9º ano do ensino fundamental da EMEF Maria Pereira da Silva, escola do campo, situada no garimpo do Crepurzinho, SN-Zona Garimpeira, Itaituba – Pará. A pesquisa foi realizada com base em entrevistas, observações e materiais coletados, além de levantamento bibliográfico. Buscou-se identificar como os professores lidam com o ensino da gramática no nono ano do fundamental e se a forma como lidam trazem resultados, como parâmetro, é associado a teorias de autores como Antunes (2003), Freire (1996), Oliveira (2010), Passeggi (2018), entre outros. A partir dos dados coletados, podemos dizer que o ensino de análise linguística está presente nos discursos dos professores entrevistados e é o primeiro passo para uma mudança da prática em sala de aula, em contraponto ao ensino tradicional de gramática.

Palavras-Chave: Metodologias de Ensino. Análise linguística. Gramática.

ABSTRACT

The present work deals with an analysis of the methodologies used in the teaching of linguistic analysis, commonly called grammar teaching, in the 9th year of elementary education at EMEF Maria Pereira da Silva, rural school, located in the Crepurizinho garimpo, SN- Zona Garimpeira , Itaituba – Pará. The research was carried out based on interviews, observations and collected materials, in addition to a bibliographical survey. We sought to identify how teachers deal with grammar teaching in the ninth grade of elementary school and if the way they deal with it brings results, as a parameter, it is associated with theories of authors such as Antunes (2003), Freire (1996), Oliveira (2010), Passeggi (2018), among others. From the collected data, we can say that the teaching of linguistic analysis is present in the speeches of the interviewed teachers and is the first step towards a change in practice in the classroom, as opposed to the traditional teaching of grammar.

Keywords: Teaching Methodologies. Linguistic analysis. Grammar.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	10
3	FUNDAMENTOS TEÓRICO METODOLÓGICOS	12
3.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO PESQUISADA.....	12
3.2	MÉTODOS DE ENSINO: ENTRE O TRADICIONAL E O ENSINO DEMOCRÁTICO 13	
3.3	O ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA NOS ANOS FINAIS DO FUNDAMENTAL	17
4	ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS	19
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS.....	27
	ANEXOS.....	29
	ANEXO I – QUESTIONÁRIO: ANÁLISE LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	29
	ANEXO II: RESPOSTAS TRANSCRITAS REFERENTE AO QUESTIONÁRIO Q1 DA PROFESSORA A. L. G. DA E.M.E.F MARIA PEREIRA DA SILVA.....	30
	ANEXO III: RESPOSTAS TRANSCRITAS REFERENTE AO QUESTIONÁRIO Q1 DO PROFESSOR D. S. DA E.M.E.F MARIA PEREIRA DA SILVA.....	31
	ANEXO IV: ATIVIDADE DIAGNÓSTICA DISPONIBILIZADA PELO PROFESSOR	32
	ANEXO V: ATIVIDADE DIAGNÓSTICA DISPONIBILIZADA PELO PROFESSOR, REDAÇÃO SOBRE A IMPORTANCIA DOS ESTUDOS PARA UMA MELHOR QUALIDADE DE VIDA.....	33

1 INTRODUÇÃO

Podemos considerar a formação continuada como uma das formas de o professor melhorar a sua prática em sala de aula e aprimorar o ensino, uma vez que, através dessa formação os professores podem entrar em contato com novas metodologias de ensino que dialogam com o que há mais atual nos estudos, sobretudo, no âmbito da linguagem, nos estudos linguísticos.

Devido aos percalços oriundos da alfabetização insipiente, os alunos, em sua grande parte, chegam até a escola com dificuldades na leitura e na escrita, dificuldade essa que leva esses estudantes até os anos finais do ensino fundamental sem ao menos conseguir interpretar textos, muitos deles chegam até mesmo sem conseguir ler e escrever de maneira adequada.

Para além dessas dificuldades, os professores de linguagens, em conversas informais, expõem que consideram difícil trabalhar a gramática em sala de aula, ou seja, as dificuldades atingem a leitura, escrita e análise linguística. Desse modo, fica a pergunta, como trabalhar a gramática/análise linguística se os meus alunos têm dificuldades para ler e escrever? O que fazer?

Esta pesquisa foi pensada no sentido de mapear a maneira como o ensino de gramática é abordado na escola, com base em pesquisas bibliográficas, experiências pessoais em alfabetização e pesquisas de campo em uma turma de 9º ano da E. M. E. F. Maria Pereira da Silva no município de Itaituba - PA. O levantamento realizado contou com a colaboração da professora de Língua portuguesa, regente da turma de nono ano da escola pesquisada, A. L. G, como forma de parâmetro e para ter um comparativo, distanciando a pesquisa de um aspecto unilateral, foi entrevistado o professor D. S. Ambos os professores assumem outras disciplinas também, por necessidade da administração.

Esta pesquisa foi realizada por meio de pesquisa qualitativa; a partir de levantamento biográfico de autores que abordaram o tema da análise linguística. Em seguida, foi realizada uma pesquisa de campo, na E.M.E.F Maria Pereira da Silva em Itaituba-PA. O objetivo dessa pesquisa de campo era ter acesso ao currículo, planos de aulas e os materiais didáticos utilizados pelos professores de Língua Portuguesa no ensino de análise linguística, qual metodologia eles utilizam e se tem tido êxito nesse tipo de abordagem.

Os professores de Língua Portuguesa da instituição de ensino Maria Pereira da Silva, A. L. G. e D. S. se prontificaram a participarem da entrevista a cerca de seus métodos de ensino, a professora é formada em Língua Portuguesa pela Universidade Vale do Acatai - UVA. E o professor é formado em Letras – Português, pela instituição de ensino superior Faculdade Educacional da Lapa – FAEL.

Utilizamos como instrumento de coleta de dados uma entrevista com professores de língua portuguesa. Na elaboração das perguntas foi procurado investigar o conhecimento e os métodos dos quais eles utilizam em sala de aula. Sendo o objetivo analisar se essas metodologias trazem algum resultado, associando-as a métodos tradicionais e/ou democráticos. Após a coleta de dados, as informações foram organizadas, depois transcritas todas as respostas e feita a identificação dos participantes.

O trabalho está dividido em seções e subseções para organizar melhor o texto. Logo após a introdução iniciamos a contextualização da pesquisa, nessa seção buscamos esclarecer as justificativas que nos levaram a pesquisar esse assunto; na seção seguinte, “fundamentos teóricos metodológicos”, fundamentamos a nossa pesquisa através de autores dos quais identificamos essa mesma problemática e buscamos resolvê-las. Essa seção foi subdividida em outras três subseções para organizar melhor o texto, nessas subseções foram realizadas comparativos entre as metodologias tradicionais e democráticas, além de uma caracterização da instituição da pesquisa de campo. Na seção seguinte fazemos uma amostragem dos dados coletados e dos autores pesquisados e finalizamos na seção subsequente com nossas considerações finais.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Nas instituições de ensino as quais trabalhei, em rodas de conversas com outros profissionais da educação e nas pesquisas bibliográficas realizadas, foi possível detectar e, em alguns casos, reforçar que as práticas no Ensino Básico de ensino de análise linguística, de modo geral, carecem de metodologias inovadoras. De um lado, há os que procuram estar sempre buscando novos métodos de ensinar e denunciam a falta de apoio governamental, a falta de um norte a se seguir; por outro

lado, aos que não procuram acompanhar as constantes mudanças da sociedade e as novas exigências de ensino, relatam que as turmas são bagunceiras, desordeiras e estressantes.

O fato é que de uma forma ou outra a educação tem se tornado um desafio muito grande para os profissionais dessas instituições, todavia, surgem questões pertinentes sobre as necessidades do ensino e o norte educacional a se seguir. Será possível traçar metas e metodologias para a aplicação do ensino de análise linguística para turmas dos anos finais do fundamental de forma satisfatória? Dessa forma, esta pesquisa visa discutir a importância da formação continuada para aprimoramento dos professores de linguagens, discutir as metodologias usadas no ensino da disciplina de língua portuguesa e analisar o impacto dessas metodologias no desempenho dos alunos. Partindo das experiências prévias com estágio supervisionado III e IV realizado com ex-alunos da E. M. E. F. Maria Pereira da Silva, no município de Itaituba-PA, foi observado um grande déficit no aprendizado de leitura e escrita dos alunos, o que pode ser comprovado pelos seguintes dados:

A escola funcionava e ainda funciona na modalidade regular e multisseriada, onde a pré-escola, Jardim I e Jardim II, funcionam de forma unificada e as turmas de 1º ao 5º ano também funcionam da mesma forma, possui uma turma de sexto e sétimo ano, uma de oitavo e uma de nono ano. A escola é localizada em um pequeno vilarejo na zona rural, que não possui alunos suficientes para formar as turmas na modalidade regular, então eles reúnem todos os alunos disponíveis de várias séries diferentes e formam uma única turma e colocam um único profissional para ministrar aulas.

É evidente que ensinar em turmas regulares onde os alunos estão em níveis pertinentes às suas séries é difícil, imagine lidar simultaneamente, com várias faixas etárias diferentes em uma única sala? O problema é acentuado quando se sabe que a gestão não se preocupa em ofertar alternativas e/ou metodologias adequadas para enfrentar essa problemática das turmas multisseriadas, uma vez que elas são formadas por necessidade e não por metodologias.

Isso gera um grande retrocesso no processo de formação desses alunos, que ao chegar no ensino médio estarão incapacitados de continuarem suas formações, por diversas dificuldades de aprendizagens, o que faz com que eles desistam dos estudos em algum momento de suas vidas e exerçam papéis na sociedade que certamente os farão infelizes, isso quando não adentram no mundo do crime, ficando à margem da sociedade.

O fato é que os alunos estão chegando ao último ano do ensino fundamental com graves dificuldades na habilidade análise linguística, o que possivelmente tem origem em algum desvio nas etapas de desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes, onde primeiro se alfabetiza ensinando a ler e escrever no primeiro, segundo e terceiro ano do fundamental, depois se aprofunda nas interpretações no quarto e quinto ano do fundamental e por fim se aprofunda nos aspectos gramaticais e ortográficos nos anos finais do fundamental. A seguir detalharemos a fundamentação teórica desta pesquisa.

3 FUNDAMENTOS TEÓRICO METODOLÓGICOS

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO PESQUISADA.

A instituição de ensino E. M. E. F. Maria Pereira da Silva localizada em Crepurizinho, SN- Zona Garimpeira, Itaituba - Pará funciona nos turnos matutino e vespertino, de acordo com registros do Censo Escolar, apresenta entre 200 a 500 matrículas de escolarização, possui turmas de educação infantil, ensino fundamental e educação de jovens adultos (EJA). Na escola trabalham 8 profissionais, incluindo os professores, gestores, serventes e administrativos.

O público estudantil é composto por filhos de garimpeiros, agricultores, comerciantes, funcionários públicos e beneficiários de programas sociais. Isso dá uma grande diversidade sociocultural a instituição de ensino.

Ao contrário de muitas instituições de ensino pelas quais já passei, essa instituição, a qual foi explanada, considera essa diversidade ao elaborar seu Projeto Pedagógico e ao definir as suas metas. Trabalhar considerando essa heterogeneidade faz com que a educação aconteça de forma democrática e com ampla abrangência de assuntos a serem abordados, uma vez que estaremos trabalhando com diferentes realidades e desenvolvendo elas entre os estudantes.

Block, Furtado e Teixeira (1999, p, 356) argumentam que:

Os programas escolares não consideram as diferenças sociais. Exigem os mesmos produtos, avaliam da mesma forma, ensinam da mesma maneira as crianças com vida, muito diferentes. Ignorar as diferenças é trabalhar para aprofundá-las. BLOCK, FURTADO E TEIXEIRA (1999, P, 356)

Durante o processo de pesquisa empreendido nessa instituição, foram observados vários fatores que causam inquietações no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos pertencentes a essa escola, coincidindo com a proposta desse trabalho, que é abordar os desafios que essas escolas enfrentam para desenvolver educacionalmente os estudantes, mais especificamente, o trabalho com a análise linguística no 9º ano.

Cabe destacar que as instituições de ensino das zonas rurais sofrem um preconceito muito grande, uma vez que são associadas a “atrasos” em aspectos econômicos, estruturais e sociais. Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016, p, 8) também entendem que existe esse preconceito e discorrem que: “A educação escolar na zona rural do Brasil está permeada por estigmas resultantes de uma percepção tradicional do território rural como lugar de atraso, desqualificado, com poucas possibilidades de desenvolvimento econômico e cultural.” Eles argumentam que a aprovação de diretrizes relacionadas a viabilização da educação nessas localidades rurais, acabaram dando uma visibilidade maior para as escolas, mas que ainda impera essa discriminação. Ainda acerca dessa discriminação com povoados de zonas rurais os autores Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016, p, 8) completam “(...) No entanto, ainda prevalece o pensamento discriminatório, qual seja, a zona rural é percebida como lugar de atraso, portanto, as pessoas que ali residem são igualmente atrasadas, desqualificadas e, por conseguinte, condenadas ao fracasso.” Infelizmente esse preconceito com o ensino no Campo evidencia uma realidade muito triste e não contribui para a valorização da Educação do Campo.

3.2 MÉTODOS DE ENSINO: ENTRE O TRADICIONAL E O ENSINO DEMOCRÁTICO

O principal foco de qualquer instituição de ensino é fazer com que os estudantes aprendam. Foco esse exposto por seus projetos políticos pedagógicos. Block, Furtado e Teixeira em seu livro “Psicologias: Uma introdução ao estudo da

psicologia” (1999) defendem que as instituições de ensino fazem parte de um processo social de construção e norte da sociedade, dessa forma, a presente concepção se coaduna com a crença popular de que quando a educação vai bem, a sociedade vai bem e quando a educação vai mal a sociedade vai mal.

Os mesmos autores argumentam que essa educação se divide em duas ramificações que são elas as teorias expostas em projetos políticos pedagógicos e os práticos que se referem ao dia a dia nas instituições escolares, aqueles momentos em que o aprendizado ocorre espontaneamente por meio dos componentes escolares, aprendizado esse diretamente ligado a questão da diversidade social da escola. “o aspecto teórico da educação, que se refere às concepções apresentadas nas teorias pedagógicas, e o prático, que se refere ao cotidiano da educação escolar.” Block, Furtado e Teixeira (1999, p, 348)

Os aspectos teóricos da educação vêm sendo construídos no decorrer dos séculos; sofrendo mudanças conforme a necessidade da época e/ou a necessidade de aperfeiçoamento da prática de ensinar; O problema é que muitas dessas práticas são atualizadas através de projetos pedagógicos, bases curriculares, mas não são postas em prática no cotidiano escolar. Os profissionais da educação preferem continuar a replicar métodos já aprendidos do que sair dessa bolha, dessa zona de conforto. Isso traz muitos prejuízos para a educação e para os estudantes.

A educação escolar precisa de um olhar mais humanizado ao que se refere ao aprendizado dos estudantes. Vinha e Tognetta (2006, p, 54) declaram que:

A escola tem que construir um ambiente propício para que a criança vivencie situações que a levem a construir seus valores morais, situações de respeito mútuo, de justiça, de cooperação, de tomada de decisões, de assumir responsabilidades, de reflexão, de resolução de problemas, para que, aos poucos, essa criança se autodiscipline, regulando seu próprio comportamento e não simplesmente obedecendo exteriormente. VINHA E TOGNETTA (2006, P, 54)

Assumindo esse papel, como Vinha e Tognetta (idem) explanam, a escola passará de um perfil autoritário para um democrático, onde cada um que faz parte a comunidade escolar, dos estudantes aos profissionais, estarão contribuindo positivamente para o processo de aprendizagem.

A instituição de ensino possui um papel essencial no desenvolvimento das relações entre os estudantes, logo, é indispensável serem promovidas atividades que facilitem o relacionamento entre os componentes dessas instituições escolares, além disso, os alunos devem participar ativamente do processo de aprendizado. Dessa

forma, é função do professor estimular esse gosto por aprender. Block, Furtado e Teixeira (1999, p, 354-355), argumentam que:

Muitas vezes o aluno é encarado como alguém que tem pouco a adicionar no processo de aprendizagem, cabendo a ele apenas acompanhar, em silêncio e vigilante, o que o professor ensina, essa metodologia autoritária e tradicional precisa ser mudada. BLOCK, FURTADO E TEIXEIRA (1999, P, 354-355)

As medidas autoritárias se baseiam principalmente em definições de regras e punição a quem não as obedecer. As regras vão contra o vínculo afetivo e contra um ambiente de confiança no espaço escolar. O ensino depende na maioria da afetividade entre professor-aluno, e por esse vínculo Block, Furtado e Teixeira (1999, p, 354) discorrem que:

O vínculo professor-aluno é o sustentáculo da vida escolar. Tal vínculo deve se estabelecer para viabilizar todo o trabalho de ensino aprendizagem. Precisamos ter professores preparados, que estabeleçam uma parceria com seus alunos, a qual permita o diálogo com o conhecimento. BLOCK, FURTADO E TEIXEIRA (1999, P, 354)

Portanto, o autoritarismo é um dificultador da criação de um vínculo afetivo entre o professor e o aluno, esse vínculo é essencial para um bom relacionamento nas instituições, se o relacionamento professor-aluno é ruim, isso torna os alunos mais estressados, mais teimosos e dispersos nos estudos, Vinha e Togneta, (2006, p, 50) expressam que:

Ao impor as regras, impedindo que os alunos tenham as experiências necessárias para a aceitação interior das normas, os educadores as tornam exteriores ao sujeito (pois não foram construídas por intermédio da reflexão ou tiveram suas necessidades descobertas por meio de experimentações efetivas). Assim sendo, passam a ser cumpridas apenas enquanto a autoridade que as institui estiver presente, e isso se a pessoa que as impõe possui poder para exigir esse cumprimento, gerando uma obediência superficial, que permanece somente enquanto há o medo de ser punido ou quando se espera uma recompensa. VINHA E TOGNETA, (2006, P, 50)

Dessa forma, é essencial que façamos uma autoavaliação de nossos métodos para podermos verificar se eles estão de alguma forma nos retornando frutos dos quais valem a pena prosseguir com eles, pois, sem essa autoavaliação, estaremos nos enganando de que estamos realmente contribuindo com o ensino aprendido dos nossos alunos. Para Freire (1996):

Deve fazer parte de nossa formação discutir quais são estas qualidades indispensáveis, mesmo sabendo que elas precisam ser criadas por nós, em nossa prática, se nossa opção política-pedagógica é democrática ou progressista e se somos coerentes com ela. É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto da alegria, gosto da vida, abertura ao novo,

disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica. (FREIRE, 1996, p, 45)

Logo, Freire (1996) argumenta que independentemente do método posto em prática, os alunos devem ser tratados com afetividade, sendo ela, essencial para um bom relacionamento dos professores com os estudantes, isso se tornará um facilitador do aprendizado deles. Freire (1996) ainda completa que:

Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-las e se não as escuto, não posso falar com eles, mas a eles, de cima para baixo. Sobretudo, me proíbo entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me escutá-lo ou escutá-la. O diferente não é o outro a merecer respeito, é um isto ou aquilo, destrutável ou desprezível. Freire (1996, p, 45)

Um dos pilares da afetividade é a condição de se respeitar as pessoas pelo que elas são, a discriminação não deve existir de forma alguma no espaço escolar, principalmente quando ela é acometida pelo professor, portanto entre o aluno e o professor deve prevalecer o respeito, afetividade, a conversação e a valorização da heterogeneidade. Conceitos esses ligados ao método democrático de ensino.

É observável que metodologias tradicionais sem adequação das atualidades e das necessidades não trazem resultados positivos dos quais justificassem a sua utilização. Mas se não são isso tudo, se propiciam esses transtornos dos quais foram apresentados, por que ainda são utilizados? Deve-se supor que esses métodos foram aprendidos por esses professores na época em que ainda eram crianças, por comodismo e falta de acesso à informação acabam por estar replicando isso na sociedade moderna. “(...) Os mecanismos mais importantes têm sido, infelizmente, mecanismos que atingem o professor secundário não durante seu período de formação, mas durante seu exercício profissional, e ainda assim o fazem de maneira eventual” (ILARI, 1997, p. 103, *apud* VELOSO, 2014, p, 27).

Esses métodos são chamados de tradicionais justamente porque vem de épocas das quais a sociedade ainda “engatinhava” no processo de ensino em instituições. De certa forma, para a época eles deviam trazer algum resultado essas metodologias de ensino têm como base a tradição europeia e a igreja católica, matrizes culturais que entendem a punição como uma ferramenta pedagógica, mas a sociedade evoluiu e passamos por diversas revoluções sociais, industriais,

econômicas, tecnológicas e políticas, as pessoas e as crenças já não são as mesmas daquela época. Por causa dessa grande revolução tecnológica as pessoas já nascem com fome de sabedoria (existe também a crescente tendência, provocada pelas novas mídias, de produzir em escalas cada vez maiores um conhecimento superficial ou transformado em informações imediatas, é preciso pensar sobre esse fator), sendo dever das instituições escolares saciarem essa fome.

O fato é que a sociedade mudou, mas as formas de se ensinar não mudaram, sendo chamado de tradicional. Os professores que utilizam essa didática aprenderam, mas não foi por meio de políticas de formação de professores atuais de ensino, mas de professores da época em que eles eram apenas estudantes das séries iniciais e finais do fundamental, ou seja, estão apenas replicando em suas turmas aquilo que aprenderam, aquilo que os professores deles faziam com eles. Isso é um círculo vicioso e a única maneira de rompê-lo é através das formações, de políticas de ensino, de encontros pedagógicos e de projetos educacionais que dialoguem com o que há de mais atual no campo do ensino/aprendizagem.

3.3 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS FINAIS DO FUNDAMENTAL

A língua portuguesa vem sofrendo muitas mudanças em seus sistemas ortográficos e gramaticais, por ser língua materna deveria ser considerada pelos alunos uma língua de fácil aprendizado, mas vemos que uma boa parcela da população brasileira tem dificuldade para dominar a norma padrão da língua. Contudo, é necessário esclarecer que existem diferenças estruturais entre “fala” e “escrita”, o que não transforma a relação do aprendizado de uma como consequência do aprendizado da outra.

Possenti (1996) argumenta que é necessária muita clareza sobre o que se deseja ensinar para que o ensino não caia na monotonia, se torne algo corriqueiro ao cotidiano escolar, o professor precisa definir metodologias para que os alunos adquiram o aprendizado através da curiosidade, através do entendimento e não apenas através da assimilação, através do “decoreba”:

Ter uma concepção clara sobre os processos de aprendizagem pode ditar o comportamento diário do professor de língua em sala de aula. Por exemplo, se ele dá aos alunos exercícios repetitivos (longas cópias, exercícios estruturais, preenchimento de espaços vazios etc.), é porque está seguindo (saiba ou não — daí a importância de ter ideias claras!) uma concepção de aquisição de conhecimento segundo a qual não há diferenças significativas entre os homens e os animais em nenhum domínio de aprendizagem ou de comportamento. (POSSENTI, 1996, p, 15 - 16)

O ato de aprender através de métodos tradicionais de ensino está diretamente ligada a esse fato, o aluno aprende alguma coisa através da memorização, através de entendimento que muitas das vezes não os pertencem, eles não desenvolveram sua própria opinião sobre determinado assunto, mas apenas repetem o que era crença do próprio professor.

É importante enfatizar que a capacidade de aprender uma língua não está diretamente ligada ao ato de escrever em si, dessa forma, os profissionais educadores e equipe pedagógicas devem avaliar as suas metodologias de ensino para que as atividades foquem mais na questão da leitura, atividades interpretativas; questões como a gramática devem ser trabalhadas de formas mais suaves (menos tecnicistas e normatizadoras) do que vem sendo trabalhadas nas salas de aulas, os professores focam muito em trabalhar as regras gramaticais, ortográficas, ou seja, em atividades metalinguísticas, cobrando aos alunos que decorem essas regras, isso causa muita confusão nos alunos, os levando a crer que eles não sabem português. Possenti (1996, p, 18) esclarece que:

O português é uma língua tão fácil que qualquer criança que nasce no Brasil (e em alguns outros lugares) a aprende em dois ou três anos. E é tão difícil que os gramáticos e linguistas não conseguem explicá-la na sua totalidade. E o mesmo vale para o chinês, o guarani, o alemão, o bantu, o japonês etc. A questão é exatamente igual em cada país ou para cada língua. (Não se deve confundir capacidade ou dificuldade de aprender uma língua com a de aprender a escrever segundo determinado sistema de escrita...) POSSENTI (1996, P, 18)

O autor mais a frente define os ritos do ato de saber quando argumenta que:

Saber falar significa saber uma língua. Saber uma língua significa saber uma gramática. (Oportunamente, esclareceremos melhor alguns conceitos de gramática). Saber uma gramática não significa saber de cor algumas regras que se aprendem na escola, ou saber fazer algumas análises morfológicas e sintáticas. (POSSENTI, 1996, p, 19-21)

O aprender flui de certa maneira ao cotidiano desde que nascemos, a escola apenas aprofunda isso. Possenti (idem) esclarece que o aprender é intuitivo e inconsciente, exemplifica quando de maneira bem prática explica que as crianças, por

meio do aprendizado exterior a escola, replicam frases já respeitando algumas dessas regras quando, por exemplo, elas colocam o artigo antes do substantivo. No exemplo: as crianças não dizem “casa a”, mas sim, “ a casa”.

Mais profundo do que esse conhecimento é o conhecimento (intuitivo ou inconsciente) necessário para falar efetivamente a língua. As crianças, por exemplo, não estudam sintaxe de colocação antes de ir à escola, mas, sempre que falam sequências que envolvem, digamos, um artigo e um nome, dizem o artigo antes e o nome depois (isto é, nunca se ouve uma criança dizer "casa a", mas sempre se ouvem crianças dizerem "a casa" (pode ser até que elas digam "as casa", dependendo do dialeto que falam; pode ser que não gostemos disso; mas, temos que reconhecer que, mesmo nesse dialeto do qual eventualmente não gostamos, nunca se dirá nem "casa as", nem "a casas", o que não é pouca coisa). (1996, p, 21)

Dessa maneira, determinado que aprender uma língua está diretamente ligado a saber, em partes, as ditas “regras gramaticais” (saber a “gramática” é internalizar uma lógica) e ortográficas das quais a compõem, definimos alguns métodos de ensino dos quais tem trazido alguns retornos positivos aos profissionais as que têm utilizado.

4 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

Primeiramente precisamos compreender o que é o ensino da gramática ou análise linguística. Oliveira (2010, p, 232) discorre que: “[...] A palavra gramática se refere ao conteúdo da disciplina língua portuguesa. E pelo comentário do aluno fictício acerca da obrigatoriedade de memorização, depreende-se que gramática é o mesmo que nomenclatura gramatical.” O autor reitera ainda que a palavra gramática é um termo polissêmico e que não devemos condenar o ensino da gramática devido à metodologia em que ela é trabalhada, ele argumenta que devemos levar isso em conta quando compararmos o ensino de análise linguística com a gramática em si. Dessa forma, reitero, que o ensino da gramática deve ser sim, ensinado nas instituições escolares, mas devemos buscar sempre melhores maneiras de alcançarmos os resultados desejados.

Uma das grandes diferenças entre o trabalho da gramática tradicional e o trabalho com a análise linguística é que o trabalho com gramática nos moldes tradicionais se concentra nas regras em si, no trabalho com a metalinguagem,

enquanto a análise linguística tem como ponto de partida o texto, de modo que a ênfase está nos usos da língua, sendo a gramática um meio e não um fim.

Mendonça (2006, p, 98) argumenta que atividades que priorizam a memorização de regras gramaticais por meio de exercícios repetitivos trazem pouco resultado ao aprendizado do aluno, referindo-se a atividades analisadas por ele sobre “preencher lacunas conforme o modelo” ele discorre: “De modo geral, não contemplavam momentos em que os alunos fossem solicitados a observar, comparar, refletir, concluir e sistematizar, pois se privilegiavam a memorização e a formação de automatismos, por meio de exercícios repetitivos.” Antunes (2003, p, 31) argumenta nesse mesmo sentido sobre essas metodologias de ensino, elas são descritas como: “uma gramática descontextualizada, amorfa, da língua como potencialidade; gramática que é muito mais "sobre a língua", desvinculada, portanto, dos usos reais da língua escrita ou falada na comunicação do dia-a-dia.”

Diversos outros autores apontam que o ensino através do trabalho exclusivo com regras gramaticais, traz mais prejuízos ao aprendizado do que benefícios, por estarem cobrando o ato de memorizar do aluno ao invés do aprendizado realmente de fato.

Exemplo menos caótico, mas nem por isso menos triste, e infelizmente mais frequente, são páginas e páginas de conjugações verbais em todos os tempos e modos, sem que o aluno nem sequer suspeite o que significa indicativo, subjuntivo ou mais-que-perfeito. (GERALDI, 1997, p, 5)

Perguntado sobre quais estratégias ele utiliza para ensinar gramática na sala de aula, o professor entrevistado da E.M.E.F Maria Pereira da Silva em Itaituba-PA, D. S. argumentou que prioriza a análise linguística ao ensino da gramática crua, ele defendeu:

Trabalho linguística através da construção de textos das quais eles fazem, através de textos dos quais entrego a eles para fazerem análises e em algumas ocasiões explicamos esses textos dentro das regras gramaticais das quais as frases e palavras pertencem. Não damos muita importância para o trabalho das regras gramaticais através de decoreba, mas de análises, isso valoriza o conhecimento através da compreensão, afastando o aprendizado deles da dependência do ato de decorar. (D. S., professor entrevistado, 2022)

Uma dica que o professor dá para que o aluno seja testado quanto ao aprendizado, é que as atividades devem possuir questões abertas, ou seja, discursivas, onde o aluno discorre sobre o que compreende do que está sendo pedido. Essa metodologia de avaliação se torna ótima, uma vez que poderemos medir se o

aluno realmente de fato compreendeu. Ele pode não ter decorado a resposta objetiva do que foi pedido, mas ele entende o que determinado assunto esteja cobrando.

Antunes (2003) descreve essas atividades gramaticais de certo e errado, onde as questões são objetivas, como prescritiva, ou seja, uma gramática centrada na memorização do que é certo ou errado, uma vez que o foco delas são as regras e não o contexto de uso:

[...] uma gramática predominantemente prescritiva, preocupada apenas com marcar o "certo" e o "errado", dicotomicamente extremados, como se falar e escrever bem fosse apenas uma questão de falar e escrever corretamente, não importando o que se diz, como se diz, quando se diz, e se se tem algo a dizer. (ANTUNES, 2003, p, 33)

A professora de língua portuguesa da E.M.E.F Maria Pereira da Silva em Itaituba-PA, A. L. G. também seguiu nessa mesma linha, ela explanou: *“Eu trabalho a linguística, através de muitos textos, muitas conversas sobre diversos gêneros textuais. A gramática é muito importante, coloco ela muito dentro dos textos, eu não costumo trabalhar a gramática crua, ou seja, as regras gramaticais.”*

Acerca do trabalho centrado apenas nas regras gramaticais, Antunes (2003, p, 33) comenta: “por essa gramática, professores e alunos só veem a língua pelo prisma da correção e, o que é pior, deixam de ver outros muitíssimos fatos e aspectos linguísticos (os fatos textuais e discursivos, por exemplo), realmente relevantes;”

Quando perguntados se julgavam o atual ensino da gramática satisfatório, eles argumentaram respectivamente que:

Sim, não trabalhamos ela crua, trabalhamos através de textos, precisamos bastante da gramática para desenvolver o assunto, tem que saber a coerência e a coesão das palavras e isso a gente encontra muito na gramática, mas eu sou favorável a trabalhar mais a linguística do que a gramática crua. (A. L. G., professora entrevistada, 2022)

Julgo esse método como satisfatório, uma vez que estou valorizando o verdadeiro aprendizado, aquele em que se aprende através do entendimento do assunto e não do ato de decorar. Se você decora alguma coisa, você passa a depender dessa memória, sempre estamos aprendendo coisas novas todos os dias, acreditar que vamos guardar aquilo que decoramos é juvenil e infantil. (D. S., professor entrevistado, 2022)

Como é possível notar nas respostas de ambos os professores, eles defendem um ensino mais focado em análises de textos e produção textuais, esclarecem que as regras gramaticais serão adquiridas pelos alunos como consequência do trabalho focado nas análises linguísticas, valorizando o aprendizado e não a memorização de

regras, criticada pelo professor na entrevista, onde ele argumenta que nossas memórias são voláteis.

Quanto a questão sobre se mudaria alguma coisa em seus métodos de ensino, a professora discorreu que:

Os métodos que eu gostaria que fossem melhores seriam os que poderiam ser desenvolvidos através de vídeo aulas, através de projetores audiovisuais, a gente desenvolver a leitura dos textos, trabalhos através dos telões, esse seria o método que eu queria ensinar. Sou uma professora que já exerço a profissão há 23 anos. A gente trabalha muito a escrita, a oralidade, cada conteúdo eu desenvolvo em forma de práticas de ensino, fazer uns trabalhos práticos para um melhor entendimento. Possuo muito diálogo com meus alunos, procuro ensinar não somente o conteúdo em si, mas o conteúdo do mundo, o que tá acontecendo na realidade, trabalhamos muito o contemporâneo em sala de aula. (A. L. G., professora entrevistada, 2022)

Chegamos aqui então em um ponto importante, a falta de apoio da gestão para criar condições para que o aprendizado dos estudantes ocorra. O que a professora relata é uma reclamação muito comum nos espaços escolares: basta visitar as instituições escolares de suas comunidades e observem o quanto carente ela é se comparada a realidades onde as gestões municipais valorizam a educação. Certamente nessas instituições estará faltando aparatos tecnológicos, espaços pedagógicos adequados, materiais pedagógicos, entre outros.

É importante enfatizar que a educação não se constrói somente pelo professor e espaço físico, não é só quadro, giz, tijolo e cimento. A professora relata que possui vontade de ampliar seus horizontes educacionais utilizando métodos mais atuais com apoio de materiais audiovisuais, mas a sua instituição de ensino, por limitações, não fornece esse tipo de suporte. O professor D. S. também discorre nesse mesmo sentido, em sua resposta a essa mesma questão ele afirma que:

Gostaria que as instituições das quais lecionei e das quais ainda vou lecionar fossem mais equipadas com aparatos tecnológicos, pois dessa forma teria como desenvolver as aulas de forma mais ampla, de forma mais descontraída, gosto de inovar. (D. S., professor entrevistado, 2022)

Os entrevistados reforçam a importância de focar o trabalho de língua portuguesa através de produções e análises textuais, abandonando, portanto, o trabalho da gramática em sala de aula através de atividades que cobrem as regras em si, pois assim, estaremos incentivando os alunos a memorizarem os assuntos. Sobre o contato deles com essa “nova” metodologia de aprendizagem de análise linguística, eles comentaram que:

Sim, já vi colegas trabalharem no cotidiano, minha graduação também trabalhou muita essa questão e gostei, ela é ótima de se trabalhar na sala de aula. Eu sou uma professora que gosta mais de dar o conteúdo ao aluno e deixar ele resolver sozinho, depois disso a gente costuma comentar sobre o tema e tiro alguma dúvida que tenha ficado. Gosto de entregar o assunto cru para eles desenvolverem e depois a gente conversa sobre o assunto. (A. L. G., professora entrevistada, 2022).

Sim, meu primeiro contato com essa metodologia foi através do meu curso de pedagogia em minha instituição de ensino superior, achei mais didático trabalhar dessa forma com os alunos, sempre estou trabalhando análises linguísticas através de textos literários, informativos, textos jornalísticos e até mesmo em interdisciplinaridades. (D. S., professor entrevistado, 2022).

Para democratizar o seu espaço de ensino, a professora quando perguntada como ela realiza a avaliação dos seus alunos, ou melhor, quais critérios utiliza para avaliá-los, ela defendeu a ideia de avaliação continuada nos espaços escolares, nas palavras dela:

A avaliação é contínua, no dia a dia escolar, eu fico observando a oralidade do aluno, a escrita, o comportamento. Com todos esses dados que irei gerando as notas dos alunos. Sobre avaliação, eu não dou muita importância para elas, são realizadas como complemento daquilo que é avaliado no cotidiano escolar. (A. L. G., professora entrevistada, 2022)

Dessa forma, a professora busca compreender melhor o aprendizado do aluno pelo desempenho dele em um contexto geral, diferente de metodologias tradicionais, onde o aluno é avaliado por provas bimestrais e se ele não tirar a média, vai à recuperação e se não tirar a média nessa nova chance, é reprovado. Esse tipo de avaliação representa um atraso muito grande para o aluno, uma vez que essa metodologia vai exigir que o aluno memorize determinado assunto, ao invés de propiciar que ele aprenda realmente de fato.

O professor D. S. também defende essa ideia, ele argumenta que o ensino ocorre por meio de aprendizados entre professor – aluno e aluno – professor, descentralizando o professor de eixo educacional, aquele de determina o que se é ensinado e o que deve ser aprendido.

Costumo criar um clima democrático com as turmas que trabalho, os alunos participam ativamente do processo de ensino, aprendizado deles, não sou o ponto central da educação, aprendemos juntos. Dessa forma, os alunos não são avaliados por provas bimestrais, mas sim por seu compromisso com a educação, no quanto estão envolvidos com as propostas de atividades escolares, no quanto participam, no quanto compreendem, não por decoro, porque não influencio isso com eles, porque as atividades costumam cobrar questões opinativas deles e não respostas objetivas. (D. S., professor entrevistado, 2022)

O professor reitera que os retornos do trabalho de análise linguísticas são muito superiores ao trabalho com foco apenas nas regras gramaticais, ele relata que tem obtido resultados bem animadores do progresso de seus alunos, ele acredita que a gramática deve ser ensinada dentro de contextos textuais e com foco na realidade dos alunos. Tese defendida por Antunes (2003, p, 33), pois ela retrata que o trabalho com a gramática sem apoio no texto não chega a ser relevante a língua, ela discorre que: “uma gramática que não tem como apoio o uso da língua em textos reais, isto é, em manifestações textuais da comunicação funcional e que não chega, por isso, a ser o estudo dos usos comunicativamente relevantes da língua. ”

Para demonstrar os progressos por ele obtido, o professor disponibilizou uma atividade comparativa de uma aluna. Em seu primeiro dia de aula, foi solicitado para que os alunos produzissem um texto para servir como diagnóstico da turma e posteriormente como comparativo do progresso de cada um. A primeira atividade cobrava dos alunos para que produzissem um texto com base em um enunciado e a segunda era uma redação livre sobre a importância dos estudos para uma melhor qualidade de vida. A aluna não recebeu apoio e nem orientação no momento de ambas as produções textuais, tendo ela, acesso apenas ao comando da atividade. Considerando o salto temporal entre a primeira e a última atividade realizada pela aluna, é possível ver que o professor obteve sucesso em sua jornada de ensino com ela. Na primeira atividade (anexo IV) é observável que a aluna não compreendia estrutura básica, pontuações e organização de ideias, portanto, o primeiro texto foi bem limitado. Na segunda atividade (anexo V) é observável que a aluna já conseguia organizar melhor os parágrafos, utilizou mais as pontuações e seu repertório de argumentos já eram bem mais desenvolvidos.

As metodologias aplicadas por ele mostram um resultado muito positivo, confirmando o que muitos pesquisadores já vinham apontando como norte a se seguir, como os estudos de textos de diversos gêneros, produções textuais, ensino democrático, decomposição estrutural de frases e palavras, atividades discursivas e não objetivas, tudo isso com um bom vínculo afetivo com os alunos. É necessário buscarmos abandonar conceitos e crenças das quais não trazem resultados tão abrangentes dos quais justifiquem a utilização dos mesmos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, se não existir uma colaboração entre a família, apoio das instituições escolares ao professor, capacitação dos professores para a realidade atual na educação e investimento em estrutura física por parte do estado e dos municípios, é muito pouco provável que ocorram mudanças significativas na qualidade do ensino nas instituições escolares. Contudo, iniciativas adequadas dos professores, coordenadores e gestores para definir práticas de ensino mais específicas a realidade dos alunos já é um grande passo para a sociedade. O que não se pode fazer é sentar e fechar os olhos e ouvidos para essa realidade, continuar recorrendo ao autoritarismo e ao tradicional método de ensino vai continuar propagando essa realidade que temos hoje em dia.

É preciso resgatar o vínculo professor-aluno, convidar os alunos e responsáveis para fazerem parte das definições de metodologias de ensino. É necessária também a valorização financeira do professor, pois não são somente os alunos que estão desmotivados com ensino. Aliais, não só valorização em salário, mas como também no reconhecimento de suas atribuições.

O governo seja ele federal, estadual ou municipal, deve disponibilizar ferramentas e espaço físico adequados para os profissionais da educação, contudo, vemos que a realidade educacional está longe dessa necessidade, existe um abismo entre o ideal e o real, mudanças são necessárias e passos como os dos profissionais entrevistados são essenciais, mas ainda assim, são passos muito tímidos se comparados a grande urgência de mudança no sistema educacional.

É importante enfatizar que o ato de ensinar é diretamente ligado a como ensinar, tão logo, não são os termos, os espaços educacionais, os livros, que definem a educação, mas sim, os métodos. Freire (2002, p, 13) esclarece que: “o educador democrático não pode negar-se o deve de, na sua pratica docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão.” 'A análise linguística surge como essa forma de renovação das metodologias, da forma que a gramática é ensinada nas instituições, uma vez que ela defende o ensino através das análises de língua, da integração da leitura e a produção textual, buscando transformar o estudante em um pesquisador.

O ensino da gramática nos moldes tradicionais traz resultados, mas não de forma homogênea, os alunos aprendem, ou melhor, decoram e de alguma forma até conseguem aplicar essas regras no cotidiano, mas para isso dependem muito daquilo que foi memorizado e que em algum momento pode ser esquecido. Quando o aprendizado ocorre através da compreensão daquilo que foi explicado o aluno passa a replicar isso no cotidiano de uma forma mais saudável, mais fácil, ele vai olhar para o assunto e saber que aquilo é feito daquela maneira por causa de determinada regra, não precisará tentar relembrar daquilo que um dia foi decorado. Basta comparar a coisas corriqueiras das quais aprendemos no nosso cotidiano, como a dirigir ou a digitar um TCC, se eu aprendo realmente de fato, não precisarei ficar gastando tempo pensando em qual marcha devo colocar no carro em determinado trajeto, ou qual é a norma da ABNT que deve ser usada, para nós que compreendemos e aprendemos com o meio e a metodologia certa, isso será normal, quase que como dá o próximo passo, mas se a metodologia não é boa, se eu tentar apenas memorizar, posso errar a marcha, posso esquecer a regra ABNT, tudo dependerá de como minha memória lidará com aquilo e de minha saúde mental.

O ensino de análise linguísticas através dos métodos relatados pelos autores pesquisados e pelos profissionais da educação entrevistados, apresentam resultados muito animadores, os métodos aplicados como puderam ver, são democráticos, valorizam o vínculo-afetivo, são atuais, buscam a homogeneidade do aprendizado valorizando os conhecimentos prévios da turma, entre outros fatores também positivos para o aprendizado.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BOCK, A. M. ET AL. **PSICOLOGIAS: Uma introdução ao estudo da psicologia.** SÃO PAULO: SARAIVA, 2001.

DAVOK, Delsi Fries. **Qualidade em educação. Avaliação:** Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas), v. 12, p. 505-513, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/TfPxvYmL6vMpKMFnpJnzbTF/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 26 de dezembro de 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** / Paulo Freire. São Paulo: Paz e terra, 1996. (Coleção Leitura). ISBN 85-219-0243-3.

MENDONÇA, Márcia. **Análise linguística: por que e como avaliar. Avaliação em língua portuguesa: contribuições para a prática pedagógica.** Belo Horizonte: Autêntica, p. 95-109, 2006. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/labor//files/2018/06/Superando-obstaculos-de-ensinar-oralidade-.pdf#page=96> acesso em 05 de Janeiro de 2023.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática.** São Paulo: Parábola, 2010.

PASSEGGI, M.D., LANI-BAYLE, M., FURLANETTO, E.C., & ROCHA, S.M. (2018). **Pesquisa auto(biográfica) em educação: infâncias e adolescências em espaços escolares e não-escolares.** Natal: EDUFRN, 2018. ISBN: 978-85-425-0842-0 Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/26927> Acesso em 02 de Dezembro de 2022.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola** / Sírio Possenti — Campinas, SP : Mercado de Letras : Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil) ISBN 85 85725-24-9 1. Português - Gramática - Estudo e ensino I. Título II. Série. 96-3880 CDD-469-50. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5312561/mod_resource/content/1/porque-nao-ensinar-gramatica-escola.pdf Acesso em: 23 de Dezembro de 2022.

PASSEGGI, Maria; NASCIMENTO, Gilcilene; Antunes Medeiros de OLIVEIRA, Roberta. **As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação.** Revista Lusófona de Educação, núm. 33, 2016, pp. 111-125. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Lisboa, Portugal. ISSN:

1645-7250. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34949131009>. Acesso em: 29 de Dezembro de 2022.

RANGEL, Egon de Oliveira. **Letramento literário: um espaço para o livro e a leitura na sala de aula.** In: SÃO PAULO. Caderno do professor: leitura e produção de textos - 5ª e 6ª séries / 5º e 7º anos. São Paulo: SEE, 2010.

VINHA T.P.; TOGNETTA, L.R.P. **Considerações sobre as regras existentes nas classes democráticas e autocráticas.** Educação Unisinos, v. 10, n. 01, p. 45-55, jan/abr 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4496/449644422005.pdf> Acesso em 2 de janeiro de 2023.

VELOSO, Danielle Rodrigues Pereira. **Avaliação escolar de língua portuguesa no 9º ano do ensino fundamental: em busca do espaço da análise linguística?.** 2014. 134 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e ensino) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6449/1/arquivototal.pdf> Acesso em: 29 de Dezembro de 2022.

ANEXOS

ANEXO I – QUESTÕES DA ENTREVISTA: ANÁLISE LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Questões da Entrevista: Análise linguísticas como metodologia de ensino.
1. Como você fez a avaliação dos seus alunos, ou melhor, quais critérios utiliza para avaliá-los?
2. Quais as estratégias que você usa para ensinar a gramática em sala de aula?
3. Você julga o atual ensino de gramática na escola satisfatório, ou seja, ele consegue munir os alunos de capacidade reflexiva sobre a língua portuguesa? Você mudaria alguma coisa no seu método de ensino? Explique.
4. Você já ouviu falar de análise Linguística? Se sim, já o utilizou em alguma atividade em sala de aula?

ANEXO II: RESPOSTAS TRANSCRITAS REFERENTE A ENTREVISTA DA PROFESSORA A. L. G. DA E.M.E.F MARIA PEREIRA DA SILVA.

<p>Respostas transcritas referente a entrevista da professora A. L. G. da E. M. E. F. Maria Pereira da Silva.</p>
<p>R. 1: A avaliação é contínua, no dia a dia escolar, eu fico observando a oralidade do aluno, a escrita, o comportamento. Com todos esses dados que irei gerando as notas dos alunos. Sobre avaliação, eu não dou muita importância para elas, são realizadas como complemento daquilo que é avaliado no cotidiano escolar.</p>
<p>R. 2: Eu trabalho a linguística, através de muitos textos, muitas conversas sobre diversos gêneros textuais. A gramática é muito importante, coloco ela muito dentro dos textos, eu não costumo trabalhar a gramática crua, ou seja, as regras gramaticas.</p>
<p>R. 3: Sim, não trabalhamos ela crua, trabalhamos através de textos, precisamos bastante da gramática para desenvolver o assunto, tem que saber a coerência e a coesão das palavras e isso a gente encontra muito na gramática, mas eu sou favorável a trabalhar mais a linguística do que a gramática crua. Os métodos que eu gostaria que fossem melhores seriam os que poderiam ser desenvolvido através de vídeo aulas, através de projetores audiovisuais, a gente desenvolver a leitura dos textos, trabalhos através dos telões, esse seria o método que eu queria ensinar. Sou uma professora que já exerço a profissão a 23 anos. A gente trabalha muito a escrita, a oralidades, cada conteúdo eu desenvolvo em forma de práticas de ensino, fazer uns trabalhos práticos para um melhor entendimento. Possuo muito diálogo com meus alunos, procuro ensinar não somente o conteúdo em si, mas o conteúdo do mundo, o que tá acontecendo na realidade, trabalhamos muito o contemporâneo em sala de aula.</p>
<p>R. 4: Sim, já vi colegas trabalharem no cotidiano, minha graduação também trabalhou muita essa questão e gostei, ela é muito boa de se trabalhar na sala de aula. Eu sou uma professora que gosta mais de dar o conteúdo ao aluno e deixar ele resolver sozinho, depois disso a gente costuma comentar sobre o tema e tiro alguma dúvida que tenha ficado. Gosto de entregar o assunto cru para eles desenvolverem e depois a gente conversa sobre o assunto.</p>

ANEXO III: RESPOSTAS TRANSCRITAS REFERENTE A ENTREVISTA DO PROFESSOR D. S. DA E.M.E.F MARIA PEREIRA DA SILVA

<p>Respostas transcritas referente a entrevista do professor D. S. da E. M. E. F. Maria Pereira da Silva.</p>
<p>R. 1: Costumo criar um clima democrático com as turmas que trabalho, os alunos participam ativamente do processo de ensino aprendizado deles, não sou o ponto central da educação, aprendemos juntos. Dessa forma, os alunos não são avaliados por provas bimestrais, mas sim por seu compromisso com a educação, no quanto estão envolvidos com as propostas de atividades escolares, no quanto participam, no quanto compreendem, não por decoro, porque não influencio isso com eles, porque as atividades costumam cobrar questões opinativas deles e não respostas objetivas.</p>
<p>R. 2: Trabalho linguística através da construção de textos das quais eles fazem, através de textos dos quais entrego a eles para fazerem análises e em algumas ocasiões decomponhamos esses textos nas regras gramaticais das quais as frases e palavras pertencem. Não damos muita importância para o trabalho das regras gramaticais através de decoro, mas de análises, isso valoriza o conhecimento através da compreensão, afastando o aprendizado deles da dependência em decorar.</p>
<p>R. 3: Julgo esse método como satisfatório, uma vez que estou valorizando o verdadeiro aprendizado, aquele em que se aprende através do entendimento do assunto e não do ato de decorar. Se você decora alguma coisa, você passa a depender dessa memória, sempre estamos aprendendo coisas novas todos os dias, acreditar que vamos guardar aquilo que decoramos é juvenil e infantil. Gostaria que as instituições das quais lectionei a das quais ainda vou lecionar fossem mais equipadas com aparatos tecnológicos, pois dessa forma teria como desenvolver as aulas de forma mais ampla, de forma mais descontraída, gosto de inovar.</p>
<p>R. 4: Sim, meu primeiro contato com essa metodologia foi através do meu curso de pedagogia em minha instituição de ensino superior, achei mais didático trabalhar dessa forma com os alunos, sempre estou trabalhando análises linguísticas através de textos literários, informativos, textos jornalísticos e até mesmo em interdisciplinaridades.</p>

ANEXO IV: ATIVIDADE DIAGNÓSTICA DISPONIBILIZADA PELO PROFESSOR

Aluno: Direlene Lima Brito Data: 01/02/2012 Ano: 8º



CERTA VEZ, EM UM FERIADO DE MAIO, FELIPE DECIDIU IR EM UM RIO PERTO DE SUA CASA PESCAR. ele pegou as suas coisas, levou um buraco para tirar as minhocas e foi para o rio. ele escolheu o melhor lugar. colocou a minhoca no anzol e jogou no rio. O peixe que estava muito interessado com isso, fez uma ideia, ele pegou impulso e mordeu a linha do menino. O menino não conseguiu segurar o anzol e caiu na água. O peixe ficou mandando do menino e o menino ficou muito bravo.

ANEXO V: ATIVIDADE DIAGNÓSTICA DISPONIBILIZADA PELO PROFESSOR, REDAÇÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS PARA UMA MELHOR QUALIDADE DE VIDA.

Aluno (a): Direlene Lima Brito Data: 05/12/2022 Ano: 8º

A importância dos estudos para uma melhor qualidade de vida

1	Meu nome é Direlene, atualmente
2	estudo na escola Maria Pereira da Silva,
3	na zona rural do Município de Itaituba-
4	PA, gosto muito de estudar, pois sei que
5	assim poderei realizar o meu sonho.
6	O meu Professor é muito legal, brinca
7	muito com a gente, diferente dos outros
8	Professores que eram muito estressados,
9	aprendi muitas coisas nesse ano e fico
10	muito feliz porque isso vai me ajudar
11	a conquistar as minhas metas.
12	Tenho o sonho de ser Policial e estou
13	me esforçando muito para conseguir isso
14	Sei que apenas os estudos podem me ajudar
15	a conquistar.
16	Agradeço muito ao meu Professor
17	por ter tanta paciência com a gente, por
18	se preocupar com o nosso aprendizado.
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	